



Foto: iStock.

I FAMÍLIA NOSSA DE CADA DIA

Por Selma Leite Galindo da Silva*

Quantos textos, quantos conceitos são capazes de mensurar o valor da palavra “família”? Muitos e talvez incalculáveis, mas, dentro da discussão sobre seu valor e sua importância, vários fatores devem ser levados em conta. Vale lembrar que todos nós temos uma visão individual do seu significado. Na tentativa de defini-la, começando pela ideia de “porto seguro”, muitos deixam cair lágrimas e despertam seu lado poético ou religioso, seja por situações pessoais ou por histórias que permeiam suas lembranças.

O tempo registra a organização social e identifica suas mudanças, mas, ainda assim, essa palavra não perde sua essência. É algo sagrado, é vínculo, é núcleo e fonte de amor. Na teologia, é tida como o encontro de um homem e uma mulher sob as bênçãos de Deus para crescerem e se multiplicarem. Sob a perspectiva das leis humanas, envolve o casamento, o contrato social entre um homem e uma mulher que é validado por testemunhas e muita burocracia. Mas qual é o sentido real da palavra “família”?

David Émile Durkheim, filósofo e sociólogo, escreveu obras importantes sobre esse tema. Ele encarava a família como uma instituição fundamental na sociedade e a considerava como um vetor social, cujas alterações refletiam em mudanças no rumo de toda a sociedade.

Fato é que hoje a organização familiar sofreu mudanças importantes e apresenta várias configurações. A ideia patriarcal de núcleo familiar não é mais uma realidade. O número de homens que são chefe de família caiu drasticamente, e o número de mulheres que assumem este posto aumentou na mesma proporção. Há famílias constituídas apenas pelas mulheres e seus filhos, sem a presença do pai. Casais homoafetivos buscam a adoção para também configurar e formar uma família. Há avós que assumem os papéis de pai e/ou mãe, na ausência ou por negligência destes, criando seus netos quando já deveriam estar cuidando de si. Os núcleos são diversos e adquirem novo formato com a rapidez de uma nova tecnologia, e é preciso entender essa nova realidade, respeitá-la e conviver com ela.

Diante das mudanças sobram tentativas de conceituação, e nessa sobra de conceitos acaba havendo muita confusão. O Estado passou a vigiar e querer interferir no perfil das uniões, com o intuito de manter a instituição familiar no formato que os seus atuais líderes consideram “sagrado”. Meninos de azul e meninas de rosa? Mas e o amor antes da cor? Um filho deixa de ser filho quando manifesta determinada orientação sexual? Deixa de ser família? E os laços de amizade?

Estes laços podem compor uma família? Difícil responder sem passar por vários filtros.

Nossas falhas sociais e de convivência mostram que muito mais do que eternizar a palavra, precisamos entender sua função amorosa. Família é laço, é segurança, é referência. Quantas famílias são negligenciadas ou desprovidas de um olhar respeitoso e da compreensão de suas dores? Quantas mães precisam visitar seus filhos na Fundação Casa? Quantos maridos e filhos abandonam suas mulheres e mães na Casa de Detenção Feminina? Quantos alicerces são destruídos por falta de empatia e solidariedade?

Como vemos, a sociedade sofre as consequências das mudanças em seus núcleos familiares. A realidade social do país coloca homens e mulheres em situações de desarmonia, falta de emprego, de moradia digna, de condições mínimas de sobrevivência. A exclusão é a mazela de muitas famílias brasileiras. Falta pão e sobra violência. O país vive um dos piores quadros de desigualdade social do mundo, e as consequências aparecem nos faróis de trânsito e debaixo de viadutos, e quando não se tornam invisíveis diante da correria do cotidiano obrigam-nos a ver as situações de risco em que se encontram diversas famílias.

Família é canção para algumas pessoas, mas pode ser sinônimo de problemas também. Conciliar pessoas com diferentes opiniões, jeitos e idades é um desafio diário, e a convivência nem sempre é harmoniosa. Vencer as janelas que foram esquecidas abertas, a toalha molhada na cama, o prato largado na pia, a tampa do vaso abaixada são alguns dos desafios diários que, comumente, trazem discórdia. De que forma é possível amar o outro como a si mesmo se este amor requer ficar cego diante do caos em que pode se transformar a convivência?

Muitos já cantaram o tema, seja por ironia, graça ou beleza. Quem não chorou com a composição do Padre Zezinho "Oração da Família"? Ou quem não riu em algum momento ouvindo os Titãs cantando "Família", ou ainda em plenos pulmões cantou "Ovelha Negra" de Rita Lee? Nas le-

tras, o cotidiano de famílias, de pessoas e seus entes em tentativas de união, suas bênçãos e seus códigos. Viver em harmonia é ir além de si, é preocupação com o outro, é dar mais do que receber, é pisar no solo sagrado que é a história de cada integrante, respeitando suas subjetividades.

Na contramão das músicas, vemos o desgaste das relações, as superficialidades e o desafio de enxergar o outro; são muitos os problemas que afligem as famílias. O diálogo como canal de reconciliação foi deixado de lado; opta-se por recolhimento e uma individualização preocupante: "cada um no seu quadrado", sem momentos de convivência. Tal realidade promoveu mudanças também no espaço familiar: cada integrante em seu quarto, com sua TV, seu computador ou *tablet*, seu celular, mergulhado em um universo próprio.

É preciso repensar essa realidade, afinal, viver em família é um aprendizado e um importante canal de construção de personalidade. A família é o laboratório da vida, constrói raízes, imprime marcas, desenvolve gostos e sabores. Cabe a nós, resgatar o amor primeiro, o amor que tudo pode e tudo supera.

“

Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor.

Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.

”

Guimarães Rosa

Selma Leite Galindo da Silva é aluna do 7º semestre de Filosofia da FAPCOM

